

# Vida Alentejana

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO DE COTACÕES

Editor: ANTONIO BELEZA

Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA-EDITORIA

DIRECTOR

PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:

R. DA ROSA, 105—Telef. 2 1622—LISBOA

## Quadrinhos Alentejanos ?

### ◆ ◆ Um simples reparo ◆ ◆

Meu caro Norberto de Araujo

Se não lêsse sempre com muito agrado as auas belas páginas de Quintas Feiras, bastava o título que deu à ultima, *Quadrinhos Alentejanos*, para que não deixasse de a apreciar. Você, foca como eu nunca vi focar essa região pantanosa que teve que percorrer e que lhe deu motivo para tão interessante crónica. Fique sabendo que atravessou uma região onde até os gatos têm sesões. Eu prefiro atravessar as regiões mais pantanosas de Africa a ter que ser surpreendido como você o foi por essas aluviões de mosquitos que nos deixam o corpo em misero estado.

Mas, meu caro Norberto tem que fazer justiça ao meu Alentejo. A região que você percorreu em que os mosquitos lhe marcaram o corpo com vinte e uma bábas iamanho de castanhas, não pertence ao Alentejo; Alcácer como Torrão são terras estremenhas e a Estremadura tem por capital a nossa elegante Lisboa.

Fala-me em Ferreira, e descreve o que viu ali numa outra viagem. «*Viu com olhos de ver, em plena vila, nuvens de móscaas levantando-se diante de si, sem acabar, sem acabar. Móscaas, móscaas de meterem medo, sem defesa possível. Era o calor esbraseante que parecia consumir as pedras.*»

E viu desenas de petises cobertos de feridas aos cantos da bôca, nas faces, nos bracos. Era as móscaas, etc.

Meu caro Norberto. Há um ano pouco mais ou menos que não vou a Ferreira. Pois essa terra que era uma das mais limpas e das mais saudáveis do meu Alentejo está assim como diz e que eu nem em Africa, apesar de a percorrer de lés a lés, vi? Ferreira tinha um dos hospitais mais higiénicos do país; Ferreira tem grandes amigos, filhos de ali que lhe poderia citar, como o provedor da Misericórdia meu amigo Luis Pessanha Pereira, como o dr. Nabor alma bondosa. e que decreto se terá comovido muito pelo *quadrinho* que você tão brilhantemente descreve na sua Página.

Móscaas que não acabam? Onde se não encontra? Em Lisboa? Mas se aqui não somos incomodados pelas móscaas inofensivas, somos pelas melgas, meu caro Norberto, êsses pequenos sugadores que nos atacam pela calada da noite e nos torturam com as suas ferroadas. Já o disse Agostinho de Campos num belo artigo no *Noticias*, que, em Lisboa ainda é necessário dormirmos com o respectivo mosquiteiro.

O que é pena é que o meu caro Norberto só visse móscaas no meu Alentejo, e que elas lhe servissem de motivo para tão belo artigo publicado no *Diario de Lisboa*. Desculpe e creia-me velho camarada

Pedro Muralha

## OS TRIGOS

### Novo manifesto

O sr. Ministro da Agricultura, lavrador alentejano, que conhece bem a vida dos nossos lavradores, resolveu prorrogar até ao dia 20 do corrente o prazo para o manifesto do trigo.

### A acção da F. N. de T. P.

Durante a semana finda a 23 do mês passado foram adquiridos e pagos pela F. N. de P. T. a 8342 pequenos produtores 21 233.701 quilos de trigo no valor de 30.288.593\$15; e em regime de Warrantagem efectuou 134 descontos sobre 8 842.472 quilos de trigo, a 1\$00 o quilo, a grandes produtores.

Desde o inicio da presente campanha — 30 de Julho último — a Federação adquiriu a 34.681 pequenos produtores 83 620 877 quilos de trigo no valor de 121.176 046\$55; e em regime de Warrantagem efectuou 608 descontos sobre 45 748.961 quilos de trigo, a 1\$00 o quilo.

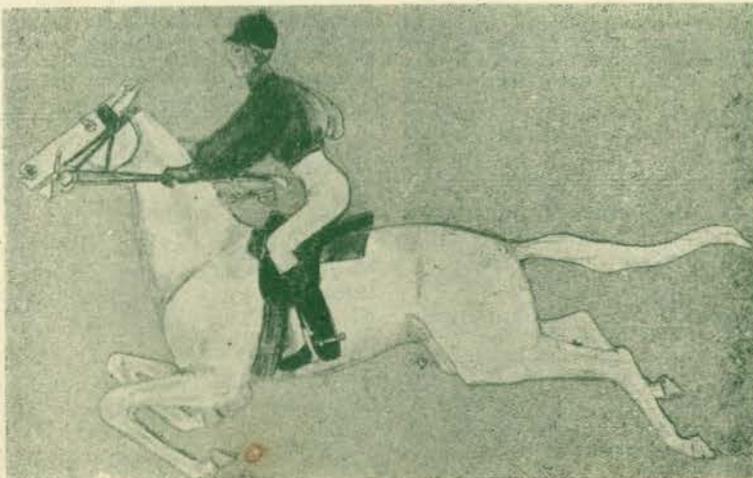
## O NOSSO EMPREENDIMENTO

Do Grémio Alentejano, legítimo representante em Lisboa, da nossa provincia recebemos com muito prazer o seguinte officio:

«A Direcção do Grémio Alentejano, tendo presente o 1.º número do semanário «Vida Alentejana», endereça a V. sinceras felicitações pela valiosa iniciativa que tomou, enriquecendo a imprensa regionalista com uma publicação que á nossa provincia pode ser de muita utilidade».

Também a imprensa alentejana nos tem dirigido palavras que muito agradecemos.

Pedimos ás pessoas a quem enviamos a nossa publicação e que nos não queiram ajudar, o favor de devolver o exemplar sem portes de correio, mas não inutilizando o seu nome, do contrário não podemos advinhar a quem pertencem as devoluções.



Recorte feito em cartão e depois desenhado, executado pelo menino de 10 anos José Miguel, filho do sr. Ministro da Agricultura

## FALAM OS PRÁTICOS

# Como se cultiva o trigo no sul do Alentejo

O nosso amigo e importante lavrador do concelho de Serpa, sr. João Manoel Palma é como todos os alentejanos de valôr: Modesto em extremo. Tivemos uma grande alegria de o encontrar abancado a uma das mezas do *Chave d'Ouro*.

Depois de havermos publicado nestas colunas a opinião autorizada, sobre lavoura de um dos mais dedicados lavradores do Alto Alentejo, nosso bom amigo Francisco Romão Tenório, tudo indicava que devia ser ouvido um prático do sul alentejano. Ora o sr. João Manoel Palma tem apenas menos 6 dias como dias já conta o século XX. E' consequentemente um lavrador moderno, conhecedor de todos os segredos da industria agrícola.

Caíu, pois, como a sopa no mel ainda que as nossas perguntas fossem para o nosso entrevistado causadoras d'uma grande surpresa. O seu nome nos jornais aborrece-o. Ele deseja conservar-se no obscurantismo, mas, devido á sua extrema gentileza não quiz deixar de nos responder como o leitor verá.

—Diga-me, meu amigo:—a sua longa prática na agricultura deve conservá-lo apto a falar nesse assunto—. Em sua opinião em que meses se deve fazer os alqueves?

—Olhe meu amigo: já diziam os antigos:— «O alqueve feito em janeiro corresponde a uma boa estrumada de carneiro».

—Deve ser aforismo arabe...

—Talvez, quanto mais que nesse tempo só se empregavam adubos orgânicos. Claro que feito o alqueve no primeiro mês do ano é indispensavel levar depois o respectivo atálho; isto para terras de 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> qualidade, isto é: terras que não sejam de barro, pois estas o seu melhor alqueve que deve ter 30 a 35 centímetros de profundidade é em Julho e Agosto depois da terra ter produzido uma seára de trigo pois ficou devidamente preparada para 4 searas consecutivas com a respectiva adubação química.

—Como assim?

—A 1.<sup>a</sup> deverá ser de grão de bico, semeado em Fevereiro, essa em linha ou rêgo como vulgarmente se diz; a 2.<sup>a</sup> de trigo semeado em Novembro; a 3.<sup>a</sup> de fava que deverá ser semeada em igual data, e a 4.<sup>a</sup> de tremês que deverá ser lançado á terra no mês de Dezembro.

—Diga-me agora: o que pensa sobre ceifas de empreitada e feitas por ceifeiras?

—Reprovo por completo as ceifas por empreitadas ou por ceifeiras mecânicas, isto tanto sobre o ponto de vista economico como de humano. As ceifas devem ser feitas de jorna e manual para se dar trabalho a todos os rurais que nesta epoca usufruem mais alguns proventos.

—Condena então os serviços mecânicos?

Só os tolero como indispensaveis á agricultura; os tractores para fazer alqueve e as debulhadoras!

—E qual a percentagem por hecтар de adubação?

—Geralmente 9 sacos, ou sejam 450 quilos, sendo: para terras de 1.<sup>a</sup>, adubo composto marca Miguel Fernandes; para terras de 2.<sup>a</sup> super-fosfatos 18, e para terras de 3.<sup>a</sup> super-fosfatos 12. «Devo lembrar-lhe que a adubação química a que já me referi deve ser empregada no cereal de pragana, devendo a seára de fava ser alimentada com adubo orgânico.

«Mas a adubação de super fosfatos antes do Baixo Alentejo ter a exploração que actualmente está tendo seria demasiada. Actualmente porém, pelo seu constante esgotamento é mais aconselhável. Mas apesar de tudo, o exito ou fracasso depende das condições atmosféricas dos meses de Abril e Maio. Isto é: A primavera é que decide, essa primavera que tanto pode trazer a alegria como a ruína.

—E a sua produção em média?

—No último trienio foi a seguinte: Em 1932, colhi, em média 17 sementes, em 1933, 12 e em 1934, conseqüei colher 16.

Na entrevista com o lavrador do Monte da Figueira, nosso amigo e sr. Francisco Romão Tenório, por lapso omitimos um detalhe muito importante, pois que os seus alqueves são feitos em Janeiro, Fevereiro e Março e não apenas nestes ultimos meses como saiu.

No próximo número:—Falará o lavrador do Monte Negro, sr. Joaquim da Silva Brito Pais Falcão.

## Vimos em Lisboa

De *Avis*—O sr. José Diogo Pais, sua família e Mario Sá.

De *Evora*—os srs. Alcebides Salgueiro e Francisco Calhau.

De *Estremós*—os srs. José Duarte Baptista de Barros e Luis Gomes Rezende.

De *Viana do Alentejo*—o sr. José de Sousa. Do *Monte Negro*—(Ourique) o sr. Joaquim da Silva Brito Pais.

De *Mora*—o sr. Amandio Nunes Barata.

De *Arronches*, o sr. Francisco Romão Tenório e Miguel Rasquilha.

De *Alter*, sr. Rafael Mendes Calado.

De *Monforte*, o sr. dr. Pires de Andrade.

De *Santa Eulália*, o sr. Antonio da Silva Lobão Rasquilha.

## Como fomos recebidos pela Imprensa Alentejana

«Vida Alentejana»

Notícias d'Evora

Assim intitulada, iniciou a sua publicação em Lisboa no dia 11 de Setembro, este interessante semanário agrícola, pecuário, turístico e de cotações, de que é director o nosso amigo sr. Pedro Muralha.

*Vida Alentejana*, propõe-se defender o Alentejo dos dislates dos seus detractores; de propagar as suas belezas que são inúmeras; de defender os lavradores das garras dos especuladores, trazendo-os sempre ao corrente dos preços dos produtos que têm para vender, dar-lhes por intermédio de pessoas especializadas conhecimentos úteis, tanto na agricultura, como na pecuária, na horticultura, apicultura, floricultura, etc.

Ao novo semanário que tem a sua redacção e administração na Rua da Rosa, 105, Lisboa, desejamos a maior soma de prosperidades.

### Brados do Alentejo

Pedro Muralha, o vigoroso jornalista alentejano que à propaganda da sua Província tem dispensado o melhor da sua intelligencia e do seu esforço acaba de lançar á luz da publicidade um semanário, com o título acima de propaganda agrícola, pecuária, turística e de cotações.

Vem este jornal encher uma lacuna da imprensa alentejana e o seu programa resumido, mas de grande alcance, merece a acção de todos os alentejanos.

Este primeiro número, interessantemente ilustrado e com boa colaboração, dá a mostrar do que virá a ser, como elemento de utilidade para o Alentejo, a *Vida Alentejana*.

Fazendo votos por uma longa vida, apresentamos a Pedro Muralha as nossas felicitações.

### A Folha do Sul

No dia 11 do corrente saiu o 1.<sup>o</sup> número deste interessante semanário agrícola, pecuário, turístico e de cotações, proficentemente dirigido pelo nosso velho amigo e prezado colega sr. Pedro Muralha, do «Album Alentejano». Bem apresentado, merece a atenção dos alentejanos.

### Diário do Alentejo

Recebemos o segundo volume do importante e bem redigido semanário «Vida Alentejana», que insere variada e opti ma colaboração, além de vários mapas e estatísticas de grande valor para quem queira conhecer detalhadamente a vida da nossa provincia.

## Mercados e feiras

### Outubro

*Feiras*—Dias 4 a 6, Redondo, 10 e 11, Niza; dia 15, Alagôa (Portalegre), dia 18 e 19, Ervedal (Avis); dia 21, Gavião e Aljustrel; dias 21 a 23 Castro Verde e a 24 e 25 Fronteira.

*Mercados*—Aos domingos: Alandroal, Santo Antonio das Areias, Souzel, e Portalegre.

*Segundas-feiras*—Elvas e Borba; 3.<sup>as</sup> feiras, Evora; 4.<sup>as</sup> feiras, Portalegre; 5.<sup>as</sup> feiras, Marvão; 6.<sup>as</sup> feiras, Castelo de Vide e Sabados, Estremós e Moura.

# Dois grandes alentejanos



José da Silva Picão

JOSÉ da Silva Picão nasceu na ridente aldeia de Santa Eulália, em 10 de Março de 1859, filho de Atis Francisco Picão e de D. Maria Francisca da Silva Picão.

Talento espontâneo. Autodidata, adquiriu uma cultura variada, que raramente se alcança por esforço próprio. As páginas virgílicas do seu livro *Através dos Campos*, são um poema campestre, o hino triunfal da lavoura alentejana.

Não é fácil encontrar, em literatura regional, livro que mais encante e seduza. A medida que se avança na leitura, a sua prosa fluente, despresticiosa e cenográfica, infiltra-nos na alma uma grande simpatia pela vida dos campos e em especial por esse organismo maravilhoso que é uma grande lavoura alentejana, funcionando com a regularidade dum instrumento de precisão.

Lavrador culto, filho e neto de lavradores, ninguém melhor *sentiu* o Alentejo e o revelou na sua feição mais típica.

A adaptação ao ambiente, biofísico ou social, faz com que achemos natural tudo quanto se passa em volta de nós, pela mesma razão por que ao peixe não incomoda a água, que nos afoja. Os factos que nos cercam permanentemente passam-nos despercebidos e só ferem a atenção dos estranhos ou adventícios. Não reparamos, porque vem de longe, no gesto inestético de arcaísmos na algibeira o lenço consporcado, o que causa a maior repugnância a um chinês; e também, ele não compreende que as damas do Ocidente ocultem as mãos nas luvas e exibam os seios, em decotes generosos, assunto que nunca prendeu a atenção dos europeus. As americanas viajam pelo mundo com cavalheiros que não são os seus maridos, sem que a psicologia do seu país dê por isso, e é só a nós, europeus *atrazados*, que se antolha o problema, delicado, de pensar como é que se sabe, afinal, quem são os pais dos filhos delas.

Por estas e análogas considerações, é de admirar e merece registo, a circunstância singular de que, tendo José da Silva Picão nascido e vivido no meio rural que nos descreve, nada de interessante lhe escapou ao espírito observador, à sua intuição de etnógrafo. Os pormenores mínimos que relata e define, sem aridez, sempre com precisão e inteligência, por vezes levemente tocados de ironia, teriam facilmente passado despercebidos, velados pelo hábito, não só a um es-

## José da Silva Picão

## António Torres de Carvalho

Pelo General Lacerda Machado

pirito menos observador, mas a quem não sentisse o bucolismo que o enfeitava.

O que fica escrito traduz impressões colhidas há muitos anos na leitura do seu livro *Através dos Campos*, que não tornei a ler, porque já mais o consegui adquirir, sendo hoje raridade o 1.º volume.

José da Silva Picão foi muito querido e estimado, generoso para os que nas horas difíceis se acolham à sua sombra. Faleceu em 18 de Maio de 1922 e jaz em modesto jazigo no cemitério da sua terra natal, sempre recordado com saudades.

Foi seu editor, por devoção regionalista e apreço pela obra, o erudito bibliófilo elvense, sr. António José Torres de Carvalho, também escritor, que nunca hesita perante a perspectiva dos prejuízos materiais, quando se trata de enriquecer a bibliografia, já vasta, da sua terra.

É um dos mais beneméritos alentejanos, porventura aquêle dos contemporâneos a quem a posteridade reconhecida tributará maior simpatia.

Além da obra de Silva Picão, em dois volumes, têm editado à sua custa, sacrificando capital, tudo quanto de valor lhe tem aparecido, antigo ou moderno, acerca de Elvas ou do Alto Alentejo. Nenhuma cidade provinciana tem, como aquela, tão extensa bibliografia. Do seu desinteresse, direi que da maioria dessas obras se não vendeu talvez um exemplar, porque ao limitado número dos que se interessam por esses estudos, êle se apressa a oferecer-lhes.

Não tenho elementos que me permitam organizar a lista completa dessas publicações, que constituem um precioso pecúlio; contudo, além de muitos inéditos que publicou no seu *Correio Elvense*, jornal tão importante que fundou um asilo, mencionarei as seguintes, que possuo e devo à sua velha amizade:

## Um novo jornal «X»

O nosso camarada de imprensa Reinaldo Ferreira, (Reporter X) está trabalhando activamente na organização de um novo semanário que se intitula X e que deve ser lançado no presente mês de outubro.

Trata-se de um magazine de grandes reportagens emocionantes e de comentários à vida nacional e estrangeira, naquele estilo sensacionalista que tanto popularizou Reinaldo Ferreira — com uma bela e original apresentação gráfica e feito numa técnica moderna e inédita no nosso meio. Além de uma leitura sugestiva, variada e oportuna X oferecerá ótimas ilustrações, desenhos, fotos, etc.

Os escritórios e oficinas do X estão



António Torres de Carvalho

O S. João de Elvas; A entrega da Praça de Elvas a Filipe II de Castela em 1580; A igreja do Senhor Jesus da Piedade; O Casamento de Luiz José de Vasconcelos e Azevedo; Amuletos alentejanos; A Noite de Natal, o Ano Bom e os Santos Reis; Vasco de Lobreira; Garcia da Orta; O Castelo de Elvas; Investigações históricas; Notas histórico militares — Da Guerra Velha até à Invasão Francesa; O Deado do Sé de Elvas; Memória histórica da Junta de Campo Maior; Aniversários de cada dia, para todos o do ano, particulares da cidade de Elvas; Teatro das antiguidades de Elvas; Capítulos do Concelho de Elvas apresentados em Côrtes; Tratado da cidade de Portalegre, numa verdadeira edição de bibliófilo; Adivinhas Portuguesas; Contos populares; Lendas e Romances; Notas para a história do jornalismo em Elvas, 10 opúsculos da sua autoria; Arquivo Transgano, de que é director e colatorador, e que vai no 2.º ano, com 20 n.ºs já publicados.

Se tudo isto é muito, não é tudo. A biblioteca e o museu de Elvas, que têm enriquecido consideravelmente, com tenacidade, ciência e consciência, têm sido o enlêvo de grande parte da sua pres imosa vida.

F. S. DE LACERDA MACHADO

instalados no edifício da Imprensa Beleza — Rua da Rosa, n.ºs 99 a 107, Lisboa.

Tudo indica que o novo semanário constitui mais um êxito jornalístico de Reinaldo Ferreira.

## Aos alentejanistas

A todas as pessoas a quem enviamos a "Vida Alentejana" e que não devolveram a mesma, vamos mandar com o n.º 4 os recibos da respectiva assinatura, afim de podermos saber as forças monetárias com que contamos a ver se lhe podemos introduzir melhoramentos, pelo menos na parte informadora.

Afim pois de não sofrerem interrupção na remessa do nosso jornalzinho e custar mais despesas pedimos a todos os nossos amigos que satisfaçam os seus recibos logo que lhes sejam apresentados.

A ADMINISTRAÇÃO.

# O Alentejo, áa charneca...



Templo de S. Francisco em Évora

**H**Á muitas pessoas que desconhecem por completo a minha Província — algumas até que se presumem de *cultas* — supondo-a *árida charneca* porque o *ouviram dizer*...

A esses ignorantes recomendo uma digressão pelo médio e Alto Alentejo para se convencerem de que vivem num *engano de alma lèdo e cêgo* a respeito de uma das mais ricas, das mais férteis e das mais pitorescas regiões do nosso País.

Comecem por visitar Évora, a cidade-museu, a cidade-tradição, onde tudo nos fala do passado e do que éle tem de mais brilhante; onde tudo nos faz evocar a dominação romana, as vitórias sôbre a moirama e os tempos medievos, na vetustade das suas ruínas, na grandiosidade dos seus monumentos, na traça elegante dos seus velhos solares, no característico dos seus pátios, na sumptuosidade e magnificência dos seus templos e no típico de algumas das suas ruas e travessas.

Passem por Estremóz, a cidade dos barros que transformam a água em delicioso nectar, a cidade graciosa e garrida, que se mostra ao viajante orgulhosa da elegância da sua Torre de Menagem, da vastidão dos seus largos e rocios, da alvura do seu casario e da profusão dos seus mármorez preciosos, que emolduram portais e janelas, revestem fachadas e pavimentos e ornamentam altares e arcarias em lindas e artísticas estilizações.

Visitem, em Vila Viçosa, o Paço dos Duques de Bragança e as igrejas da vila, que, como as de Borba, são mimosos espécimes da arte e arquitectura religiosas.

Demorem algumas horas passeiando nos arredores da poética Borba; admirem o pitoresco e a fertilidade dos seus pomares, das suas hortas e quintas, das suas vinhas e olivais — e a idéia da *árida charneca* começará a desvanecer-se no seu espírito...

Depois sigam por Elvas, a cidade-fidalga, a cidade-castelã, sentinela avançada da fronteira, que se exhibe altiva e envaidecida no seu casario policromo, disposto na encosta em anfiteatro e sob a protecção

do seu alcaçar romano-árabe, rodeada de luxuosas quintas de recreio, de aprasíveis jardins e parques, e de olivais fertilíssimos e produtivos; os famosos olivais que nos dão essas saborosas azeitonas que, como as frutas em conserva, são o regalo de paladares esquisitos e exigentes.

Não me dispense, também, como bom bairrista, de lhes recomendar que passem por Campo Maior — a minha terra natal e terra de laboriosas gentes — a vila branca e linda, farta e rica, que se impõe pela largura e pelo aceio das suas ruas e das suas casas, aceio que é a preocupação constante dos seus habitantes, das suas mulheres, que caíam as pedras, para que mais alvas sejam...

Subam, depois, até Castelo de Vide, a vila-poema, a vila-eden que com propriedade, cognominaram a *Cintra do Alentejo*.

Extasiem-se na contemplação dos seus mimosos campos, da sua vegetação luxuriosa e exuberante, no bucolismo das suas quintas e pomares — jóia com que a Natureza quiz brindar a minha Província — e venham por fim descansar e fazer uma cura de ares e de repouso á cidade-jardim, á cidade-águarêla, á cidade sanatório, que é Portalegre, cabeça do distrito.

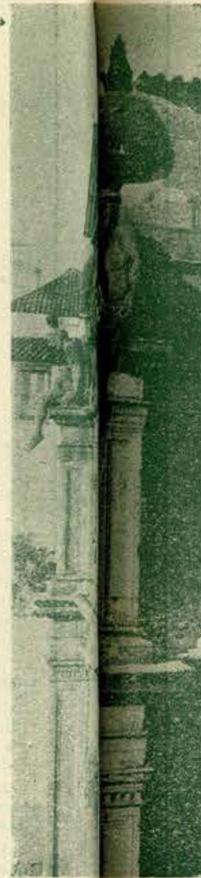
Venham gosar um dos mais lindos e encantadores espectáculos e experimentar uma das

melhores e mais intensas emoções que o viajar nos oferece no nosso lindo Portugal!

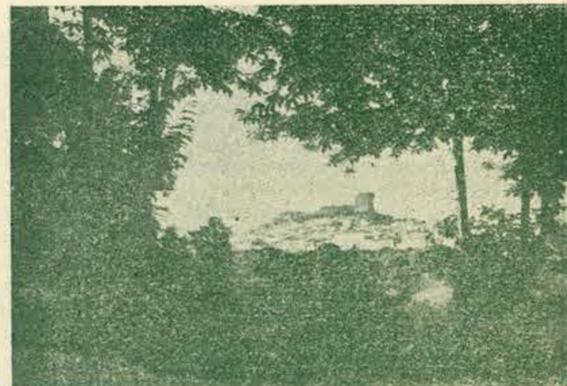
Daqui vos escrevo, criticos pretenciosos e comentadores ignorantes, que desconheceis o Alentejo e tão déle vos pencha verde cinza do olivêdo.

Conheço o Minho, o Douro, a Beira Alta, a Estremadura e o Algarve... Conheço o Minho, o Douro, a Beira Alta, a Estremadura e o Algarve... Conheço o Minho, o Douro, a Beira Alta, a Estremadura e o Algarve... Conheço o Minho, o Douro, a Beira Alta, a Estremadura e o Algarve...

Usufri o sublime goso espiritual que nos proporciona Agora, a extensa veiga do Reguengo, com seus solares e



Évora — da Graça



Castelo de Vide — Vista tirada do Lugar do Morgado

passeio a Cintra, ao Buçaco, ao Bom Jesus, a Santa Luzia; — êsse estuendo, grandioso e mágico panorama de Santa Luzia, o mais completo que meus olhos hão visto!

Pois afirmo-vos que haveis de dar por bem empregado o tempo que gastardes neste circuito. Fazei o passeio da *Serra*, a pé, como eu o fiz, ou de carro se não confiais na vossa resistência.

Encantai a vista nos amplos e vastos panoramas que daqui se disfrutam. Admirai a amplidão da ubérrima campina alentejana, a policromia da sua paisagem, a geometria das suas herdades, courelas e fazendas, semeadas, aqui e além, de montes e casais a alvejarem por entre manchas de montado e olival.

Avistareis um sem numero de povoações de todo o distrito e do termo de Évora; terras da Beira e da Estremadura; terras de Espanha; tendo por limite, lá longe, muito longe, nos confins do horizonte, um círculo violáceo de montanhas a fechar na *Estrêla*, a *Estrêla* imponente e magestosa de Viriato!

Garanto-vos que ficareis extasiados, deslumbrados, hipnotizados pelas belézas e pelas maravilhas desta linda, encantadôra Serra de Portalegre

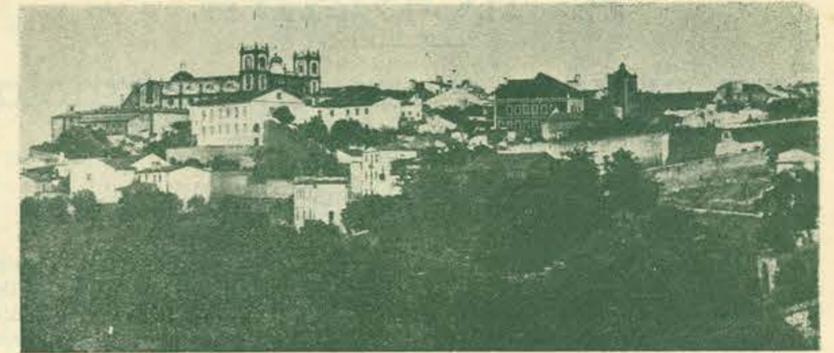
A cada volta do caminho uma surpresa, uma nova sensação.

Aqui, uma vinha com seus pampanos verdejantes a esconderem tentadores cachos de loiras uvas.

Além, uma moita de hieraticos pinheiros a destacar-se da

Além, uma moita de hieraticos pinheiros a destacar-se da

Agora, a extensa veiga do Reguengo, com seus solares e



Vista parcial de Portalegre

quintas, cortada, aqui e ali, por murmurantes arroios e emoldurada pelas abas da serra, que lhe serve de pano de fundo. E logo a seguir, na parte mais alta da serra, perto já do pincaro de S. Mamede, a opulência cenografica dos bosques de seculares castanheiros e sobreiros, que, a espaços e atravez de suas frondosas ramarias, deixam ver casinhotos rusticos de cultivadôres e vivendas modernas, gritantes de colorido e de graça.

É aqui, nestas alturas, que a alma se queda extática e deslumbrada na contemplação de um panorama magestoso, quadro magnífico que o turista não esquece fácilmente.

E depois, já a descer, numa dobra do caminho e a poucos

quilómetros da cidade, onde se vêem alguns chalets debruçados no alcantilado da serra, eis que se nos depara a linda *Amaya*, que deste local nos oferece um espectáculo inesquecível de beleza na policromia das suas casas, no recorte airoso das chaminés e mirantes, na imponência viril das tôrres do castelo, e na silhueta elegante dos coruchéus e campanários das suas igrejas e ermidas.

Aqui presenciei, há anos, numa das minhas digressões

pela serra, um lindo pôr do sol que foi uma sinfonia quente e maravilhosa de côres, um poema sublime de tonalidades, que jamais se apagará da minha retina!

Pois em verdade vos digo — portugueses que desconheceis o Alentejo — que se vos dispuzerdes a fazer êste passeio, que vos recomendo e quizerdes passar uns dias na *Quinta da Saúde*, para ficardes a conhecer bem esta *Serra de Portalegre*, que é um encanto, uma maravilha, uma riqueza inigualável na amenidade e na salubridade do seu clima, na frescura das suas cristalinas águas, na puréza dos seus ares, na exuberância da sua vegetação, na abundância de deliciosos frutos e nas louçanias da sua paisagem idílica, em verdade vos digo, meus amigos — que já o sereis então — que vos arrependereis de terdes acreditado na feia história da *árida charneca*...



Vila Viçosa — Fachada do Paço Ducal



Estremóz — Torre de Menagem



Campo Maior  
Janela artística em ferro forjado



Campo Maior

JOÃO RUIVO

# A ROSEIRA

## Sua origem e sua importancia "ética e étnica"

Pelo Professor S. Deeker

II

Em sua própria etimologia a rosa é essencialmente simbólica. Os seus nomes «verad» (chaldeu), «varde» (árabe), «varda» (arménio), «rondon» (grego), «rosa» (latino), «gul» (persa e turco), todos reconhecem a mesma raiz «vrđh», que significa crescer. A rosa assim se torna, para os povos que a trouxeram, do seu país de origem para o Ocidente, a encarnação do crescimento e da própria vida. Um símbolo que concretisa, decerto, desde remotas eras, a aspiração civilisadora de beleza, determinando a marcha ascensional dos povos.

O culto da roseira originou-se na Média e na Pérsia, onde se encontra um dos principais senão o principal centro geográfico de distribuição de género da «Rosa». Isso que era uma hipótese tornou-se hoje em verdade fundamentada, pelas descobertas botânicas e etnológicas. Aliás, nada mais natural que a primeira rosa cultivada, a primeira variedade obtida em cultura, nos viesse justamente daquele país cujo povo glorificou a rosa como outro jámais o fez. Em parte alguma do mundo se cultiva a rosa com tanto carinho como em Teheran, a capital da Pérsia. As cidades assem-tam, naquele país, no meio de roseirais e as montanhas e colinas se apresentam sempre cobertas de um manto de rosas.

A tão celebrada quão antiga «Rosa Centifolia» cresce espontaneamente no Caucaso. No Altai encontraram-se nos túmulos dos Tsudos (indo-germânicos), moedas de prata com a effigie da rosa desabrochada, índice de uma veneração prehistórica já presente naquele «Paraíso do Mundo», justamente de onde partiram as primeiras migrações da raça indo-germânica. Com estes povos emigraram também a roseira e o culto da rosa, a que se submeteram «sine ira» não só os povos conquistados como todo o Universo.

Os babilônios receberam dos médio persas, seus vencedores, o culto da roseira e tomaram a rosa como símbolo em suas insignias oficiais.

Durante o seu cativeiro babilónico, aprenderam os hebreus o amor pela rosa e o cultivaram com tanto carinho que se tornou símbolo da castidade da noiva israelita o «diadema

de rosas». Dá o «Cantico dos Canticos» através do éstro inspirado de Salomão, uma nota bem convincente do alto grau de estima em que a rosa foi tida pelo povo israelita.

Os egípcios cultuaram a rosa introduzindo-a na celebração das suas festas, a partir do domínio dos Ptolomeus. Mas quando isso se passava no Egipto, a linda filha das montanhas da Irania já havia descido á planície grega, onde foi encontrar, no calor do genio helenico a quasi divinisação do seu culto e a sua definitiva consagração como rainha das flores. Dentro da bruma, nem sempre transparente das lendas da antiguidade, a rosa descreveu, para lá chegar, uma trajetória nítida e triunfal seguindo a rota que conduz do seu berço á Arménia, desta á Frigia, de onde passou á Tracia, e posteriormente á Macedonia. Um passo mais e ei-la plantada no coração da Helade.

Na Grécia onde a cultura humana atingiu o mais sublime grau de elevação e harmonia, aí se descobriram as forças místicas e benfazejas da rosa. Nela encontrava o espirito dos antigos gregos, tão ávido de beleza e perfeição, a mais nobre e pura concretisação das suas aspirações. Homero, nos seus cantos imortaes, já revelava provavelmente sem intenção—mas tão sómente por exprimir o sentimento de uma civilisação de que foi, o interprete maximo—a subtil concepção que da rosa faziam os helenos, já em tempos que se perderam na meia luz da pre historia grega. Foi Hesiodo quem, pela primeira vez cantou a beleza da rosa, elevando-a ao nivel da beleza da mulher. Maior consagração poetica recebeu, porem, a rosa, do grande Safo, que a elegeu simbolo das musas e da graça femenina.

(Continua)

### Muito importante

*A Vida Alentejana não se vende avulso. É remetida para os seus assinantes, pois custa apenas 10 escudos por uma série de 10 números. As pessoas que lhe convierem mais o pagamento às séries de 5 números, muito agradecemos que nos comuniquem.*

## Musa Alentejana

### SABOIA

Gentil aldeia alegre e pequenina  
banhada num ribeiro remançoso,  
encastoadá em fúlgida colina,  
beijada por um sol esplendoroso!

Nas tuas cercanias predomina  
a cultura do trigo precioso,  
que te envolve em grinalda esmeraldina  
enquanto dura o inverno rigoroso.

Chegado o tempo quente, o trigo loiro  
parece então um diadema d'oiro  
que ajuda a realçar tua beleza!

Depois êle é ceifado e debulhado,  
nos teus celeiros é arrecadado,  
trazendo-te a alegria e a riqueza!

Rosal - Saboia, 16—Setembro—934,

J. Duarte Elias

### Falecimentos

Aljustrel foi apontada nestes ultimos tempos com o dedo tragico da morte. Entre um mez perdeu 3 dos seus mais ilustre filhos. O primeiro foi o lavrador de Montes Velhos, Manuel da Silva Figueiredo. O segundo foi



Brito Camacho; agora coube a vez ao nosso bom amigo dr. Manuel Joaquim Brando, extremoso pae do dr. Manuel da Costa Brando, medico em Aljustrel, e Henrique da Costa Brando, engenheiro.

O ilustre finado tinha 69 anos de idade, era muito amigo da pobreza, e fundador do Sindicato agricola da sua terra.

A sua morte deve ser muito sentida porque o dr. Manuel Brando era ali muito estimado por todas as classes sociais.

A' sua familia os nossos pesames.

# PAGINA ANUNCIADORA

## Dr. Rosado Baptista

**VACINA FIEDMANN**, para cura da tuberculose, das 11 às 16. Classes pobres, preço de Policlínica, às segundas e quintas, Av. Almirante Reis, 31, 1.º - Tel. N. 4363

## SULFÚRIA

ESTABELECIMENTO BALNEAR

### Cabeço de Vide

Estancia de aguas minero-medicinais (sulfo-alcálinas) de poderosa acção curativa nas dermatoses, reumatismo, calculos dos rins e bexiga, entercolites muco-membranasas.

**Epoca balnear de 1 de Junho a 31 de setembro**

Director clinico:

**Dr. Alexandrino Lopes Russo**

A Junta de Freguezia de Cabeço de Vide, concessionária destas aguas fornece todas as indicações.

## CLINICA MEDICA E DENTARIA

C. do Carmo, 25, s/I-D.  
Telefone 2 7146 - LISBOA

Doenças da boca e dentes - Cirurgia da especialidade - Clinica médica.  
Dentes artificiais colocados pelos modernos processos da técnica dentária, garantidos pelo consultorio, quanto á perfeição de execução, boa adaptação á boca e aptos para a mastigação.

## PATRICIOS

Inscreevi-vos na

«LUTUOSA NACIONAL»  
(ASSOCIAÇÃO SOCORRO MUTUO)

Subsidios de **5, 10, 15 e vinte mil escudos**

A mais solida garantia de sobrevivência

Peça hoje a sua inscrição

Entrada dos 18 aos 45 anos

Rua Victor Gordon, 31, 2.º

LISBOA

Telefone N. 5274

**J. J. d'Almeida**

Cereais, Azeites e Farinhas

Rua de S. Bento, 297 - Lisboa

## MIRANDA, LIMITADA

Moagem de cereais **ODEMIRA** Descasque de Arroz

Correspondente do Banco de Portugal e outros  
Representante da Tabaqueira, Atlantic e Fosforeira Portuguesa  
Negociante de mercearias, adubos e alfaias agricolas

SERVIÇO DE TRANSPORTES E GARAGISTA

OFICINA DE SERRALHARIA E CARPINTARIA

SUCURSAL EM S. TEOTONIO

## Joaquim da Silva Brito Pais

Herdades do Monte Negro, Reguengo, Silveira, Rata e Amejoafra

Exploração Agricola e Pecuária

ESPECIALIDADE EM QUEIJOS E MEL

**Monte Negro - VALE DO SADO**

## JOSÉ JULIO BRITO PAIS FALCÃO

HERDADE DO MONTE VELHO

Exploração Agricola e Pecuária

Colos - ALENTEJO

## BLANCO FIALHO

Creadores de bovinos e seleccionada raça alentejana  
Reprodutores para venda cuidadosamente escolhidos

**Porcos gordos, gado lanigero, caprino, cavalari e muar**

PRODUTORES DE CORTIÇA E CEREAIS

Exploração Agricola e Pecuária **BARRANCOS**

## Herdade Vale de Paredes

FRONTEIRA

Exploração Agrícola e Pecuária

**Trigos, cevadas e toda a especie de cereais**

LÃS E LATICÍNIOS

## João Manuel Palma

**SERPA**

Produtor e fabricante de azeites, pelos processos mais modernos

## Cotação dos produtos agrícolas

Designação	Lisboa	Évora Mercado	Portalegre mercados	Vendas Novas Feira de Out.	Mertola Feira 21
Aveia, 20 litros .....	6\$50	8\$00	8\$50	7\$00	6\$00
Centeio, 20 litros .....	11\$00	9\$50	14\$00	13\$00	14\$00
Cevada, " " .....	9\$00	10\$00	12\$00	10\$00	8\$00
Fava, 20 litros .....	14\$00	15\$00	20\$00	15\$00	20\$00
Grão de bico, 20 litros .....	26\$00	25\$00	—	16\$00	40\$00
Lã   branca, 15 kilos .....	—	140\$00	—	—	140\$00
preta, " " .....	—	110\$00	—	—	130\$00
Queijos   cabra, kilo .....	—	9\$00	—	cento 75\$00	11\$00
ovelha, kilo .....	—	12\$00	—	80\$00	12\$00
Azeite, 10 litros .....	56\$00	59\$00	60\$00	50\$00	68\$00
Cortiça, 15 quilos .....	—	—	—	16\$00	—
Vinho   branco, 500 litros .....	—	—	600\$00	300\$00	litro 1\$60
tinto, " " .....	—	—	300\$00	300\$00	" 1\$60
Carvão, 15 quilos .....	—	5\$40	6\$00	5\$20	7\$00

## Cotação de gados

Designação	Mourão Feira 14	Vendas Novas	Mertola
Cavalo de sela .....	2.500\$00	3.500\$00	2.500\$00
Parelha de cavalos .....	4.000\$00	7.000\$00	5.000\$00
Jumento .....	400\$00	500\$00	500\$00
Parelha de muares .....	8.000\$00	8.000\$00	8.000\$00
Junta de bois .....	4.000\$00	4.000\$00	4.000\$00
» vacas .....	3.000\$00	3.000\$00	3.500\$00
Vaca leiteira .....	2.000\$00	1.700\$00	—
Novilhos .....	1.700\$00	1.500\$00	—
Vitela de 6 mezes .....	500\$00	500\$00	600\$00
Carneiros .....	9\$00	8\$00	8\$00
Ovelhas .....	85\$00	80\$00	60\$00
Borregos .....	6\$00	50\$00	45\$00
Cabra leiteira .....	120\$00	80\$00	80\$00
Cabrito .....	30\$00	15\$00	40\$00
Porco, em vivo .....	350\$00	arrob. 90\$00	kilo 6\$00

## Salários médios

Concelhos	Designação de trabalhos	SALÁRIOS				Observações
		Homens		Mulheres		
		A sêco	C/comida	A sêco	C/comida	
Vendas Novas .....	Lavoura .....	8\$00	—	4\$00	—	
Mertola .....	Vindimas .....	8\$00	—	3\$00	—	
" .....	Desmonta e embelga .....	8\$00	4\$00	—	—	

## Carnes verdes e fumadas

Designação	Preços por quilograma		
	Portalegre	Lisboa	Vendas Novas
Cabra .....	3\$00	4\$30	4\$60
Cabrito .....	5\$00	6\$00	4\$00
Carneiro .....	4\$00	4\$00	4\$60
Porco   com osso .....	7\$00	10\$00	7\$00
sem osso .....	14\$00	14\$00	10\$00
Vaca   com osso .....	7\$00	8\$00	6\$00
sem osso .....	10\$00	10\$00	10\$00
Chouriço .....	14\$00	16\$00	16\$00
Farinheira .....	7\$00	8\$00	12\$00
Morcela .....	6\$00	8\$00	11\$00
Paio .....	20\$00	24\$00	22\$00
Presunto .....	20\$00	15\$00	15\$00
Toucinho .....	6\$00	8\$00	7\$00
Banha de porco .....	6\$00	8\$00	6\$00